

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## O ESPAÇO COMO LUGAR: IMAGINAR, CAMINHAR E APRENDER NA ILHA DO CAMPECHE/SC

Isadora de Haro Thomé  
UDESC  
isadora.thome@edu.udesc.br

Ana Paula Nunes Chaves  
UDESC  
ana.chaves@udesc.br

Ana Júlia Francisco Floriani  
UDESC  
ana.floriani@edu.udesc.br

Rafael Fortuna Madruga  
UDESC  
rafael.madruga99@edu.udesc.br

### Resumo

Este relato de experiência tem como objetivo compartilhar as ações do projeto Expedições Geográficas da UDESC e refletir sobre outras possibilidades na formação de professores de Geografia em espaços não formais de educação. O projeto, por meio de trilhas e caminhadas na Ilha do Campeche (Florianópolis/SC), propõe pensar o lugar como mediador do processo educativo. Na edição de 2025.01, está em desenvolvimento o livro intitulado *Ilha do Campeche: paisagens que educam* (Thomé, Chaves, Floriani e Madruga, 2025, no prelo), entendido como uma proposta metodológica voltada ao ensino de Geografia fora do ambiente escolar. O material se estrutura como um roteiro de estudos, com o propósito de incentivar práticas pedagógicas que ampliem o olhar, o sentir e o ensinar a partir do lugar vivido. Busca-se, assim, contribuir para uma educação geográfica situada, que valorize os saberes locais, promova o pensamento crítico e forme sujeitos sensíveis às dinâmicas e relações espaciais.

**Palavras Chave:** educação geográfica; lugar; imagem e imaginação espacial; Ilha do Campeche.

### Introdução

A escrita deste relato de experiência vem do desejo de compartilhar as ações em desenvolvimento no âmbito do projeto Expedições Geográficas, vinculado ao departamento de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mais do que apresentar as ações de pesquisa e extensão, este relato busca criar um espaço de reflexão sobre outras possibilidades de pensar a formação de professores e professoras de Geografia em espaços não formais de educação. A proposta explora trabalhos de campo em trilhas e caminhadas em áreas protegidas da Grande Florianópolis/SC, entendendo o lugar como mediador do processo educativo.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Como desdobramento dessas experiências, está em produção o livro *Ilha do Campeche: paisagens que educam* (Thomé, Chaves, Floriani e Madruga, 2025, no prelo), que se propõe a funcionar como um roteiro de estudos voltado à formação inicial e continuada de professores, tendo como eixo central a leitura e a vivência do lugar da Ilha do Campeche.

Em edições anteriores, o Expedições Geográficas atuou em locais como: o Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri (Florianópolis/SC) (Chaves, 2022) e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (Palhoça/SC) (Chaves e Pimenta, 2023), ambos localizados na região sul do Brasil.

O projeto é articulado em três ações: Conhecendo o Parque, A Escola Vai ao Parque e Domingo no Parque. No primeiro semestre de 2025, as atividades estão concentradas na produção e aplicação de metodologias de ensino voltadas à educação geográfica em espaços não escolares. O projeto também se dedica a estimular e promover ações junto aos visitantes das áreas protegidas, proporcionando vivências educativas e de lazer integradas ao contexto da paisagem local.

Em 2025, o projeto direciona seu campo de atuação para o Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional Ilha do Campeche, ressignificando as potencialidades educativas das geografias de uma ilha situada em Florianópolis/SC, e explora, também, outros modos de pensar e de se relacionar com esse ambiente, pensando-o de forma viva, como um lugar.

A pesquisa qualitativa fez uso da pesquisa-ação e está organizada em diferentes etapas: inicialmente, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre produções acadêmicas voltadas à Ilha do Campeche, com destaque para o trabalho de conclusão de curso de uma das autoras, intitulado *A Ilha do Campeche/SC como espaço não formal de educação geográfica* (Thomé, 2024). Em seguida, foram realizadas duas saídas de campo à Ilha do Campeche, com registro de observações e percepções em cadernetas de campo. Esses registros, somados às vivências durante as atividades in loco, à seleção de leituras e aos entendimentos produzidos sobre os espaços da Ilha, fundamentaram a elaboração do material didático e da metodologia de trabalho. O grupo, composto por uma coordenadora e três bolsistas, elaborou, redigiu e executou as ações desenvolvidas no primeiro semestre de 2025, as quais terão continuidade ao longo do ano.

Assim, organizamos o texto da seguinte maneira: na primeira seção, intitulada “Formação docente e o espaço geográfico como possibilidade”, apresentamos o eixo teórico que nos auxilia a pensar nossas práticas educativas em espaços não formais. Aqui, o espaço não formal de educação é compreendido como o espaço vivido ou o espaço geográfico, com base nas contribuições de Doreen Massey (2009), que nos convida a enxergá-lo como um *encontro de histórias*. Essa perspectiva nos ajuda a pensar e imaginar o espaço da Ilha do Campeche como algo vivo e relacional (Massey, 2008), onde múltiplas histórias constituem esse patrimônio e campo de atuação. Já na segunda seção, “Ilha do Campeche como espaço de educação”, voltamos ao eixo empírico do trabalho, detalhando as ações sobre a produção do livro e o desenvolvimento da metodologia de ensino. A proposta se materializa na criação de um roteiro de estudos voltado à formação docente, que convida a pensar os espaços como lugar vivido e lugar de práticas educativas.

## **Formação docente e o espaço geográfico como possibilidade**

O conceito de ‘espaço não formal de educação’ é tido como um conceito ainda em aberto (Jacobucci, 2008). A busca por uma compreensão às vezes ocorre a partir do entendimento do que ele não é: um espaço educativo, mas não a escola. Concepção comum, resultado da tendência de associar o ato de educar ao ambiente escolar (Gohn, 2007).

No entanto, os espaços educativos abrangem uma variedade de contextos, para além dos escolares, como museus, praças, ruas, jardins botânicos, áreas protegidas, entre outros (Runtzel, 2017). São lugares que apresentam potencial para a construção e a mediação do conhecimento científico de forma acessível (Barroso e Terán, 2010).

Contudo, esses espaços não se tornam educativos de forma orgânica, eles não existem com o propósito de educar, mas tornam-se educativos a partir das intenções e ações ali realizadas. De acordo com Queiroz et al. (2011), sem uma intencionalidade bem demarcada, esses espaços continuam sendo apenas uma praça, uma rua ou um jardim. Sendo que a intencionalidade educativa nesses espaços está diretamente ligada a quem promove as ações e o que se deseja educar.

Quando pensamos nesses espaços como espaço de possibilidade para a formação de professores e professoras de Geografia, é preciso pensar sobre as intencionalidades pedagógicas e os modos de se relacionar com eles. Trata-se de reconhecer o espaço como lugar e de os promover como locais complementares de estudo, articulado com o que é trabalhado em sala de aula e com a experiência vivida em campo.

Assim, nessa escrita, propomos pensar esses espaços de possibilidades, como o espaço vivido, a partir das contribuições teóricas de Doreen Massey (2009). A autora nos convida a refletir que as formas de pensar e imaginar o espaço influenciam diretamente na maneira como nos relacionamos com ele.

Pensar o espaço com Massey (2009, p.29) é pensá-lo como algo plural, um local onde a vida acontece em todas as suas dimensões, é pensá-lo “como produto de inter-relações” considerando tanto as interações humanas quanto não humanas. O espaço para a autora é fluído e dinâmico, moldado por interesses políticos, econômicos e culturais, portanto, nunca como algo neutro ou fixo. Massey partilha da sua criticidade e nos exercita constantemente a olhar para além daquilo que se vê. Nessa concepção, o espaço não deve ser reduzido apenas a uma paisagem estática, tal como um cenário. Nessa perspectiva, Massey nos convida a romper com a posição de observadores, nos desafiando a compreender o espaço como campo relacional, sempre em processo de transformação.

A transformação dos espaços está diretamente relacionada à forma como o concebemos, aos aspectos que escolhemos evidenciar ou modificar. No campo da formação docente, pensar a transformação por meio das relações que estabelecemos com o espaço, nos leva a reconhecê-lo como uma estratégia metodológica de ensino e nos permite compreendê-lo como um microcosmo, onde múltiplas camadas de significados se sobrepõem. Um mesmo espaço pode ser vivido, explorado, utilizado, sentido e observado de maneiras diferentes. Tomemos o mar como exemplo: ele pode ser local de navegação, local de trabalho, lugar de contemplação, fonte de vida, casa e refúgio, ambiente de saberes e práticas, berçário de espécies, uma sala de aula, entre tantas outras possibilidades.

Na mesma direção, o pensamento de Azevedo (2014, p.14) complementa essa perspectiva, ao compartilhar que “pensar o espaço implica a intervenção no espaço, no território

factual, pelas comunidades que o habitam”. Embora a autora desenvolva essa reflexão a partir da relação entre imagens, geografia e educação, seu aporte pode ser ampliado para a discussão que propomos aqui. Para Azevedo (2014), imaginar o espaço, por meio de imagens, é projetar modos de querer se relacionar com ele. E, para se envolver de uma forma crítica, é preciso emancipar o nosso modo de ver, perceber e interpretar o mundo, envolvendo outros sentidos, como o afeto. Quando nos limitamos a um único ponto de vista, somos colonizados em nossos modos de pensar, agir e se posicionar diante do espaço.

Dessa forma, ao trazermos as contribuições de Doreen Massey e Ana Francisco de Azevedo para o debate sobre os espaços de educação não formal, ampliamos a compreensão de que esses espaços nada mais são do que o próprio espaço geográfico e não apenas um espaço diferente ao da escola. Neste trabalho, os espaços são locais vivos e reais onde a vida humana e não humana acontece, são locais de conflito, de vivência, de memórias, de interações ecológicas e cooperativas. Portanto, mais do que deslocar a aula para “fora da escola”, pensar o espaço e o lugar exige também ativar sentidos, provocar perguntas e fortalecer vínculos com as histórias ali existentes. Nesse movimento, nos perguntamos: de que maneira é possível produzir sentidos sobre um lugar? De que modo podemos criar a imagem de um espaço de educação para além dos escolares? E, ainda, de que forma é possível oferecer subsídios que permitam professores ressignificarem suas práticas pedagógicas a partir das experiências e possibilidades que o lugar, como a Ilha do Campeche, oferece?

### **A Ilha do Campeche como espaço de educação**

*“Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ajuda a olhar!”.*

*Eduardo Galeano (2002, p.12)*

Como no conto de Galeano, a chegada à Ilha do Campeche provoca encantamento e inquieta o olhar. Ensinar e aprender nesse território exige também desaprender formas fixas de ver, permitindo-se encontrar com o espaço como se fosse a primeira vez. A Ilha do Campeche é um ambiente insular, está localizada a 1,5 km da costa leste de Florianópolis/SC e é reconhecida como um dos pontos turísticos da cidade. De pequenas dimensões, medindo cerca de 1,5 km de norte a sul, a ilha é coberta pelo bioma da Mata Atlântica, cercada por costões rochosos, e conta com uma única faixa de areia voltada para o oeste. A praia em sua parte oeste possui mar calmo e atrai milhares de visitantes todos os anos. De acordo com o Instituto Ilha do Campeche (2025), somente na alta temporada de verão de 2025, de janeiro a abril, mais de 92.463 mil pessoas visitaram o local.

A Ilha do Campeche, para além do turismo e da beleza de sua paisagem, também é um lugar de memória e identidade. É também território da pesca artesanal, local de passagem e permanência de embarcações, de espécies marinhas e de aves, e abriga a maior concentração de oficinas líticas e gravuras rupestres em um único sítio arqueológico do litoral brasileiro. Por esses motivos, desde o ano 2000, é reconhecida como Patrimônio Arqueológico e Paisagístico,

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

com seu registro no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

É neste lugar, composto por paisagem, cultura e natureza marcada pela presença humana, que nos motivamos a desenvolver o projeto Expedições Geográficas. Com o intuito de oferecer subsídios que contribuam para a formação docente e o aprendizado sobre a geografia da Ilha do Campeche como um espaço plural, atravessado por múltiplas histórias, interesses e conflitos. Ao reconhecer suas dimensões naturais, culturais, políticas e simbólicas, propomos um convite para que professores e professoras possam integrar essas complexidades em suas práticas pedagógicas, ampliando as formas de perceber, interpretar, se relacionar e ensinar sobre esse lugar.

Para tanto, desenvolvemos o livro intitulado *Ilha do Campeche: paisagens que educam* (Thomé, Chaves, Floriani e Madruga, 2025, no prelo), voltado para professores e professoras de geografia, da formação inicial à continuada. A proposta é que o livro contribua como um material de sensibilização, oferecendo subsídios para que os docentes possam perceber, vivenciar e trabalhar a Ilha do Campeche em termos geográficos, históricos, culturais e ambientais. O livro mobiliza uma percepção espacial da Ilha do Campeche, apresenta o espaço como algo vivo, constituído de relações, de vivências e de pessoas que vivem esse lugar. A escrita adota um tom narrativo e de conversa com o leitor, buscando ser uma leitura leve e convidativa. Ao longo do percurso, o leitor é convidado a olhar detalhes e informações que, à primeira vista, podem passar despercebidos. A leitura, por tanto, também é um exercício e uma facilitadora para ajudar a olhar, como já sugeria Eduardo Galeano em seu poema Me ajude a olhar.

A narrativa começa pela chegada à Ilha e é marcada por cenas simultâneas e cotidianas na praia da Ilha do Campeche: os quatis que se aproximam dos visitantes em busca de comida, o diálogo com os pescadores artesanais, sujeitos históricos desse território, as falas dos monitores, os olhares curiosos para o sítio arqueológico da caça à baleia, entre outras situações cotidianas que integram esse espaço dinâmico e multifacetado. No livro, o leitor percebe como a Ilha se revela como um microcosmo ou mesmo, um grande ecossistema em constante movimento.

O conjunto de cenas iniciais serve quase como uma introdução, preparando o leitor para ser conduzido pela trilha do Letreiro, ponto em que a narrativa ganha outros desdobramentos acerca das histórias e geografias dessa paisagem, colocando o leitor/professor em contato direto com o lugar. Junto ao livro terá, ainda, disponível por meio de *qr code*, um catálogo informativo sobre outras duas trilhas existentes no lugar, como a trilha da Pedra Preta do Sul e a trilha da Pedra Fincada.

Pelas páginas do livro (Figura 1), professores podem planejar saídas de estudo e ensinar geografia por meio das trilhas da Ilha. O roteiro desenvolvido é uma possibilidade metodológica que pode servir de inspiração para novas propostas de campo. Em suma, o livro trata de um convite para que os professores, em suas práticas pedagógicas, possam ampliar suas formas de olhar, sentir, se relacionar e ensinar geografia a partir do lugar vivido.

Esse modo de pensar e agir dialoga com o que Chaves (2025, p.8) propõe ao afirmar que a educação geográfica, nesse contexto, não se resume a ensinar sobre o lugar, mas implica aprender com ele. Nesse sentido, refletir sobre a elaboração do livro como um roteiro de estudos



VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

AZEVEDO, Ana Francisca de. Cultura visual: as potencialidades da imagem na formação do imaginário espacial do mundo contemporâneo. **Revista Geografares**, Vitória, edição especial, p.07-21, jan./ago. 2014

CHAVES, Ana Paula Nunes. A educação em espaços não formais: o PET Geografia no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Costa Rica, 2025 (obra no prelo)

GOHN, Maria da Glória. **NÃO-FRONTEIRAS: universos da educação não-formal**. 2. ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. 9ª ed. Trad. Eric Nepumuceno. Porto Alegre, L&PM, 2002.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n.1, p. 55-66. 2008.

Massey, Doreen. (2009). **Pelo Espaço: uma nova política de espacialidade**. 2ª ed. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Bertrand Brasil.

Massey, Doreen. (2008). Incorporating Space into Life. Trad. Patria Román Velázquez e Alejandra García Vargas. **Signo y Pensamiento**, v. XXVII, n. 53, 328-343. <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/signoypensamiento/article/view/4571/3538>

QUEIROZ, Ricardo Moreira; TEIXEIRA, Hebert Balieiro; VELOSO, Ataiany dos Santos; FACHÍN TERAN, Augusto; QUEIROZ, Andrea Garcia de. A caracterização dos espaços não formais de educação científica para o ensino de ciências. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 4, n. 7, p. 12-23, ago./dez. 2011.

RUNTZEL, Patricia Link. **Espaços não formais e o ensino da química: motivações aos professores visitantes do quimindex/ufsc**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017

THOMÉ, Isadora de Haro. **A Ilha do Campeche como espaço não formal de educação geográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso. Geografia Licenciatura, UDESC, Florianópolis, SC, 2024.